

## MORDOMIA DOS RELACIONAMENTOS

*Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho - Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho – para o 2º. Encontro de Mordomia da Associação Batista Gonçalense, S. Gonçalo, Rio de Janeiro, 18 de março de 2006*

### INTRODUÇÃO

Vimos na palestra anterior o conceito de mordomia. Vimos também que somos administradores do mundo, em seus aspectos físicos e sociais. E também do Reino de Deus. Temos valor e, em certo sentido, aos olhos de Deus, somos confiáveis. Mas há um equívoco que pode brotar daqui: a supervalorização. É assim surgem pessoas que se dão mais importância que têm, e só vêem seu trabalho. Ou que vêem o Reino como seu, e não a si como partícipes do Reino. É bom pensarmos em 1Coríntios 3.6 (“*Eu plantei, e Apolo regou a planta, mas foi Deus quem a fez crescer*”) e 1Coríntios 3.9a: (“*Porque nós somos companheiros de trabalho no serviço de Deus*”). Fazemos parte de um todo e devemos cuidar de nossa parte e zelar também pelo todo. Caminhemos por aqui.

### 1. O GRANDE PROBLEMA: VISÃO FRAGMENTÁRIA

O Reino tem sido grandemente prejudicado porque muitos líderes têm uma visão fragmentária ao invés de uma visão global. Eles vêem apenas seu trabalho, seu ministério, sua igreja. Isolam-se dos demais. Deixam de dar e deixam de receber. Entre muitas razões pelas quais isto sucede as duas mais fortes me parecem ser:

(1) *O sistema batista dá ênfase à parte, mais que ao todo.* O sistema batista é congregacional, e foca a atenção na igreja local. Não temos uma Igreja Batista, mas igrejas batistas. Nosso olhar mais demorado é para a parte do Reino, e não para o Reino. Com isto, muitas igrejas não têm visão do Reino, da denominação, do mundo, e apenas de si. E o obreiro acaba tendo uma visão do seu trabalho, seu ministério e suas funções, e não do trabalho do Reino. Ou então confunde o seu trabalho com a totalidade do Reino. Com a ênfase no pequeno e no grupo local, a competição também é forte entre nós e acaba triunfando sobre a cooperação. Nossa cultura de ênfase na parte cria uma subcultura, deturpada, de valorizar a fragmentação. Nossa doutrina da igreja local como autônoma não está errada. Está errada sua deturpação. Ela é parte do Reino e não todo o Reino. Devemos olhar a partir dela e ver o todo, e não centrar o olhar nela e esquecer do todo.

(2) *O espírito do mundo.* Pensamos em mundanismo em termos de cosmética ou de moda. Mundanismo é questão de valores, mais que de forma. A igreja contemporânea é mundana, e muitos ministérios e serviços são mundanos, porque copiam a mentalidade do mundo. Ele é antropocêntrico (o homem no centro) e individualista, rejeitando o todo e cooperação. A pós-modernidade, o pensamento caótico que rege a ação das pessoas hoje, enfatiza o lema “cada um na sua”, proporcionando assim a indiferença e o egoísmo, e promovendo o isolacionismo.

Um amigo, pastor com atividade secular, não precisando de sustento, começou um trabalho com alcoólatras e umbandistas, num bairro muito carente da periferia de S. Paulo. Em breve tinha pessoas para organizar uma igreja. Não precisavam de ajuda financeira, mas apenas de uma igreja que fosse a “igreja organizadora” (não “igreja mãe”, que as igrejas batistas não são mães nem filha, nem tias e sobrinhas uma das outras). Escreveu cartas para cinco pastores de igrejas que quisessem apenas entrar com o nome e o mérito na história de terem organizado outra igreja. Quatro não responderam. Um respondeu dizendo “Deus não nos deu visão de organizarmos outras igrejas”. A visão, neste caso, é de ser uma mega-igreja. O que é isto a não ser mundanismo, espírito de grandeza e ausência de visão do Reino?

Esta história mostra como o espírito do mundo permeou a vida eclesial, e como o Reino é visto por uma perspectiva umbilical, ou seja, do ponto de vista do seu umbigo.

Qual a alternativa? A resposta está em 1Coríntios 3.7: “*De modo que não importa nem o que planta nem o que rega, mas sim Deus, que dá o crescimento*”. É preciso uma compreensão de que a obra é de Deus e não de pessoa alguma em particular. É preciso evitar personalismos e sufocar a necessidade de brilhar e obter reconhecimento, a busca de sucesso pessoal, em detrimento do bem-estar do Reino. Uma das maiores necessidades da liderança é ter “a mente de Cristo” (1Co 2.16). A Linguagem de Hoje traduziu esta expressão como “*mas nós pensamos como Cristo pensa*”. Você, líder crente, pensa como Cristo ou como o mundo? Isto se faz vivendo à sombra da cruz. O ego da liderança precisa ser crucificado. Assim, ao invés da doença que John Stott chamou de “holofotite”, teremos líderes sadios porque crucificados. A cruz é a única fonte de saúde espiritual válida para nós. A crucificação sarda o obreiro de qualquer enfermidade espiritual.

## 2. A GRANDE NECESSIDADE – VISÃO DO TODO

A visão fragmentária não é apenas miopia espiritual. É autismo espiritual, também. É preciso cultivar uma visão do Reino. Ele é maior do que nós, do que nossos ministérios e nossos serviços. Valha-nos a declaração de Paulo em Gálatas 2.6-10 que nos mostra como é importante reconhecermos, valorizarmos o ministério e serviço dos outros, e cooperarmos com o Reino, sem nos vermos como concorrentes e sim cooperadores. Eis o texto: “*E aqueles que pareciam ser os líderes da igreja—digo isso porque para mim não importa o que eles eram, pois Deus não julga pela aparência—aqueles líderes, repito, não me deram nenhuma idéia nova. Pelo contrário, eles viram que Deus me tinha dado a responsabilidade de anunciar o evangelho aos não-judeus, assim como tinha dado a Pedro a responsabilidade de anunciá-lo aos judeus. Pois pelo poder de Deus fui feito apóstolo para anunciar o evangelho aos não-judeus, assim como Pedro foi feito apóstolo para anunciar o evangelho aos judeus. Por isso Tiago, Pedro e João, que eram considerados os líderes da igreja, reconheceram que Deus me tinha dado essa tarefa especial. E, como sinal de que éramos todos companheiros, eles deram a mim e a Barnabé um aperto de mãos. E todos nós combinamos que eu e Barnabé iríamos trabalhar entre os não-judeus e eles, entre os judeus. Eles nos pediram só uma coisa: que lembrássemos dos pobres das igrejas deles, e isso eu sempre tenho procurado fazer*”.

Esta palavra de Paulo nos mostra que a solidariedade e mutualidade devem fazer parte de nossa agenda de relacionamentos. Não somos adversários nem concorrentes e devemos evitar a “síndrome do umbigo”. Há outros mordomos e outros setores do Reino que devemos respeitar, com os quais devemos colaborar e nos quais também devemos investir. Embora um pouco extenso, o texto de 1Coríntios 12.14-27 merece nossa consideração. Antes de lê-lo, lembremos de seu contexto. São palavras dirigidas a uma igreja fragmentada, onde cada um escolhia grupos onde se perfilar e os julgava mais importante que os demais: “*Pois o corpo não é feito de uma só parte, mas de muitas. Se o pé disser: ‘Já que não sou mão, não sou do corpo’, nem por isso deixa de ser do corpo. Se o ouvido disser: ‘Já que não sou olho, não sou do corpo’, nem por isso deixa de ser do corpo. Se o corpo todo fosse olho, como poderíamos ouvir? E, se o corpo todo fosse ouvido, como poderíamos cheirar? Assim Deus colocou cada parte diferente do corpo conforme ele quis. Se o corpo todo fosse uma parte só, não existiria corpo. De fato, existem muitas partes, mas um só corpo. Portanto, o olho não pode dizer para a mão: ‘Eu não preciso de você’. E a cabeça não pode dizer para os pés: ‘Não preciso de vocês’. O fato é que as partes do corpo que parecem ser as mais fracas são as mais necessárias, e aquelas que achamos menos honrosas são as que tratamos com mais honra. E as partes que parecem ser feias recebem um cuidado especial, que as outras mais bonitas não precisam. Foi assim que Deus fez o corpo, dando mais honra às partes menos honrosas. Desse modo não existe divisão no corpo, mas todas as suas partes têm o mesmo interesse umas pelas outras. Se uma parte do corpo sofre, todas as outras sofrem com ela. Se uma é elogiada, todas as outras se alegram com ela. Pois bem, vocês são o corpo de Cristo, e cada um é uma parte desse corpo*”.

## 3. A GRANDE ATITUDE – MORDOMIA DOS RELACIONAMENTOS

Temos intimizado a vida cristã, mas ela é relacional. Francis Schaeffer, pensador cristão do século passado, talvez o mais brilhante, disse que a salvação é individual, mas não individualista. Não há salvação por atacado. A conversão deve ser individual, cada um diante de

Deus, chorando seus pecados e aceitando a Cristo. Mas não é individualista. Não somos chamados para vivermos isolados uns dos outros. Gosto do episódio de João 19.25-26, palavras de Jesus na cruz (“*Perto da cruz de Jesus estavam a sua mãe, e a irmã dela, e Maria, a esposa de Clopas, e também Maria Madalena. Quando Jesus viu a sua mãe e perto dela o discípulo que ele amava, disse a ela: — Este é o seu filho*”). Elas nos mostram que a cruz inter-relaciona as pessoas e cria novas fronteiras de colaboração e de responsabilidade. Seguir a Cristo é viver em grupo. Não é verdade que se pode ser crente fora da Igreja e de uma igreja. A Igreja é o corpo de Cristo e as igrejas são a expressão visível deste corpo invisível. É por isto que somos advertidos em Hebreus 10.25: “*Não abandonemos, como alguns estão fazendo, o costume de assistir às nossas reuniões. Pelo contrário, animemos uns aos outros e ainda mais agora que vocês vêem que o dia está chegando*”. O termo grego usado para “reuniões” é *synagoguê*, com a idéia de comunidade local, a igreja local. O crente tem um dever para com a sua igreja local.

Nutrir uma visão do todo e colaborar uns com os outros nos ajudará a cultivarmos uma visão sadia do Reino e nos fará viver bem relacionalmente. Para isto é necessária uma mordomia de relacionamentos. Para caracterizar esta mordomia, aponto alguns traços no ministério de Paulo, como um modelo de líder cristão equilibrado:

(1) *Um líder equilibrado não cria ilhas de poder.* Na sua palavra à igreja de Corinto, Paulo não criou reserva de mercado ou uma ilha de poder. Ele trouxe Apolo ao seu nível. Ambos eram servos, ele era um arquiteto que pôs os alicerces (1Coríntios 3.10: “*Usando o dom que Deus me deu, eu faço o trabalho de um construtor competente. Ponho o alicerce, e outro constrói em cima dele; porém cada um deve construir com cuidado*”), e Apolo construiu. Ele plantou, Apolo regou, mas Deus fez a planta crescer (1Coríntios 3.6: “*Eu plantei, e Apolo regou a planta, mas foi Deus quem a fez crescer*”). O mérito não era deles, mas de Deus, como lemos em 1Coríntios 3.7: “*De modo que não importa nem o que planta nem o que rega, mas sim Deus, que dá o crescimento*”. Há líderes que pensam que sem eles Deus estará perdido. Um líder equilibrado serve ao Senhor, reconhece o serviço alheio e não se põe acima dos demais. Paulo não tinha uma visão exclusivista. Também nós não podemos ter. Tampouco nossas igrejas podem ser educadas na visão de que são detentoras exclusivas do reino.

(2) *Um líder equilibrado entende bem que discordâncias não significam inimizades.* Ele não se torna inimigo ou adversário de alguém por causa de posições discordantes. Paulo discordou de atitudes de Pedro e teve uma alteração com ele; Gálatas 2.11-12, como lemos a seguir: “*Porém, quando Pedro veio para Antioquia da Síria, eu fiquei contra ele em público porque ele estava completamente errado. De fato, antes de chegarem ali alguns homens mandados por Tiago, Pedro tomava refeições com os irmãos não-judeus. Mas, depois que aqueles homens chegaram, ele não queria mais tomar refeições com os não-judeus porque tinha medo dos que eram a favor de circuncidar os não-judeus*”. Mas isto não fez deles inimigos. Paulo respeitava Pedro: “*Por isso Tiago, Pedro e João, que eram considerados os líderes da igreja, reconheceram que Deus me tinha dado essa tarefa especial. E, como sinal de que éramos todos companheiros, eles deram a mim e a Barnabé um aperto de mãos. E todos nós combinamos que eu e Barnabé iríamos trabalhar entre os não-judeus e eles, entre os judeus*” (Gl 2.9). E Pedro respeitava e amava a Paulo: “*Lembrem que a paciência do nosso Senhor é uma oportunidade para vocês serem salvos. Pois o nosso querido irmão Paulo, com a sabedoria que Deus lhe deu, escreveu a vocês sobre esse assunto. E foi isso mesmo que ele disse em todas as suas cartas quando escreveu a respeito disso. Nas cartas dele há algumas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e os fracos na fé explicam de maneira errada, como fazem também com outras partes das Escrituras Sagradas. E assim eles causam a sua própria destruição*” (2Pe 3.15-16). Quando é que aprenderemos que eventuais discordâncias não devem nos tornar inimigos uns dos outros? E isto só acontece porque deixamos de ver o Reino como sendo do Senhor e anos como sendo meros auxiliares do Senhor.

(3) *Um líder equilibrado sabe perdoar.* Duas passagens bíblicas nos mostram o caráter de Paulo neste aspecto de saber perdoar. A primeira está em Atos 15.36-40: “*Algum tempo depois, Paulo disse a Barnabé: —Vamos voltar e visitar os irmãos em todas as cidades onde já anunciamos a palavra do Senhor. Vamos ver se eles estão bem. Barnabé queria levar João Marcos. Porém Paulo não queria, pois Marcos não tinha ficado com eles até o fim da primeira viagem missionária, mas os havia deixado na província da Panfília. Por isso eles tiveram uma*

*discussão tão forte, que se separaram. Barnabé levou João Marcos consigo e embarcou para a ilha de Chipre, enquanto que Paulo escolheu Silas e seguiu viagem, depois que os irmãos o entregaram aos cuidados do Senhor*". A segunda está em 2Timóteo 4.11: "*Somente Lucas está aqui comigo. Procure Marcos e traga-o com você porque ele pode me ajudar no trabalho.*". O exercício de uma liderança madura e equilibrada exige que os líderes saibam se relacionar e tomar decisões sem ressentimentos pessoais.

(4) *Um líder equilibrado abre espaços para uma nova geração.* Os dois primeiros capítulos de 2Timóteo são quase melancólicos. Não os transcrevo aqui, mas peço-lhes que leiam, depois, com esta perspectiva em sua mente. Mas ao mesmo tempo em que transparece um tom melancólico transparece também um tom de júbilo. Parece incoerente? Não. O tom de melancolia é por conta da consciência de Paulo de que está se despedindo. Está de partida. Sairá de cena. Ao mesmo tempo é de júbilo porque receberá seu galardão e porque deixa nas entrelinhas a idéia de que Timóteo continuará o trabalho dele. Podia não ter sua dimensão intelectual, sua experiência com Cristo e sua capacidade de trabalho. Mas toda possível inferioridade de Timóteo em relação a Paulo não o incapacitava para o trabalho e acaba sendo benéfica. Como alguém disse: "Deus gosta dos incapazes, pois ele os torna capazes". É bom que a excelência seja do perfume, e não do frasco. Paulo sairá de cena, mas um jovem continuará seu trabalho: Timóteo.

Sabemos repartir liderança? Damos espaço para outros? Ou nos apossamos dos cargos e funções? Há pastores que parecem donos da denominação, diáconos que parecem donos da igreja local, líderes que parecem querer se perpetuar num cargo e acham que se os tirarem cometerão um pecado tão grave quanto o pecado quanto o pecado contra o Espírito Santo. Cuidado com isto! Deus administrava seu Reino muito bem antes de nós, e quando sairmos de cena, ele continuará a administrá-lo muito bem.

Eis as marcas de uma liderança equilibrada, entre muitas: não criar ilhas de poder, saber discordar sem se tornar inimigo, saber perdoar e dar espaços para outros, compartilhando liderança.

## 5. E OS RELACIONAMENTOS, AFINAL?

Mas de que estou falando? De mordomia de relacionamentos ou de liderança? Parece que mudei o assunto, pois no tópico anterior houve uma guinada e passei a falar de liderança. Não, o rumo foi planejado. Nós, líderes em diversas facetas do Reino, precisamos aprender a nos relacionar uns com os outros. Está na hora de pararmos de atirmos uns nos outros. Alguém disse que a igreja é o único exército do mundo que atira nos seus próprios soldados. Muitos de nós agimos assim. O que quero mostrar é que a aptidão para o exercício da liderança cristã não é exclusivo de quem seja uma máquina de trabalho ou um dínamo de energia. Está apto para o trabalho aquele saiba trabalhar com as demais pessoas, implementar projetos alheios, que saiba ser o segundo, que não aspire ao domínio. Talvez mais que dinamismo esta seja a grande necessidade.

Somos chamados para servir, e não para dominar. Isto é mordomia de relacionamentos. O Reino é do Senhor, e não nosso. Somos apenas servos e como tal devemos nos portar. Não queira dominar. Até mesmo porque as palavras de Jesus devem ser levadas a sério: "*Quem é o mais importante? É o que está sentado à mesa para comer ou é o que está servindo? Claro que é o que está sentado à mesa. Mas entre vocês eu sou como aquele que serve*" (Lc 22.27). Nossa maior busca deve ser a de ser servo, e nunca senhor.

## CONCLUSÃO

O mundanismo transparece também nas relações entre crentes e líderes. Julgamos que quem manda mais é mais importante e que é sinal de grandeza ser do contra ou dizer: "Minha igreja não participa disto", e levar o rebanho a se afastar de processos do grupo. Cuidado, o Senhor da Igreja não aceita ser usurpado. Não se ponha no lugar dele. Você é servo. Relacione-se com os demais como servo. De Deus e deles. Submeta-se ao Senhor e trabalhe junto, ombro a ombro, com os irmãos. A mordomia dos bons relacionamentos parte daqui: somos todos servos, e nenhum de nós deve aspirar ao mando. E quem deseja liderar deve saber disto: o líder deve saber ser liderado.

Tenho dito.

